

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DALVA AURORA GOMES

CONSTRUINDO A IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL



SÃO PAULO  
2016

DALVA AURORA GOMES

## CONSTRUINDO A IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Shirley Acioly

SÃO PAULO  
2016

## CONSTRUINDO A IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dalva Aurora Gomes<sup>1</sup>; Shirley Acioly<sup>2</sup>

**Resumo:** A identidade de gênero é construída pela criança desde o seu nascimento, no seu contexto social e cultural. Sendo assim, os profissionais da educação infantil devem atentar-se para esta temática. Este artigo busca compreender os comportamentos e ações das crianças de 1 a 2 anos, durante suas interações no cotidiano educativo, buscando estabelecer relações entre as escolhas de brinquedos e brincadeiras e o papel que as famílias exercem ao transmitir valores culturais que influenciam no seu desenvolvimento e aprendizagem. Apresenta uma perspectiva reflexiva sobre a temática de gênero, pautado em autores renomados como Scott, Louro e Grossi, abordando a importância da construção da identidade de gênero, da valorização da diversidade humana e, sobretudo, da promoção da igualdade de direitos. Deste modo, este estudo visa observar as reproduções e transgressões dos papéis de gênero nos momentos lúdicos vivenciados pelas crianças, para que haja possibilidade de qualificar as experiências educativas, propiciando um trabalho pedagógico intencional dos professores e professoras, almejando desconstruir concepções discriminatórias relacionadas à classificação de gênero, possibilitando enxergar novas formas de ser e de viver enquanto menina e menino.

**Palavras-chave:** educação infantil; identidade; gênero

**Abstract:** Gender identity is constructed by the child since birth, in its social and cultural context. Thus, the early childhood education professionals should pay attention to this issue. This article seeks to understand the behavior and actions of small children of 1 to 2 years, during their interactions in the daily educational, seeking to establish relationships between the choices of toys and games and the role that families play in transmitting cultural values that influence their development and learning. Features a reflective perspective on the theme of gender, based in renowned authors such as Scott, Louro and Grossi, addressing the importance of the construction of gender identity, the value of human diversity and, above all, the promotion of equal rights. In this way, this study aims to observe the reproductions and transgressions of gender roles in playful moments experienced by children, for which there is a possibility of qualifying educational experiences, providing a pedagogical work intentional teachers and teachers, aiming deconstruct discriminatory conceptions related to the classification of gender, allowing to see new ways of being and living as a girl and boy.

**Key-words:** early childhood education; identity; gender

---

<sup>1</sup>Especialista em Gênero e Diversidade na Escola / UFPR - E-mail: [dalvaaaurora@yahoo.com.br](mailto:dalvaaaurora@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Orientadora, Shirley Acioly é Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNIFESP, Mestre em Psicologia Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-São Paulo. Psicóloga graduada na PUC do Rio de Janeiro (1996) com especialização em Recursos Humanos pela FIA USP (2002). Atualmente desenvolve pesquisa sobre os temas de sexualidade, gênero, intersexualidade, saúde e registros civis. [shirleyacioly@yahoo.com](mailto:shirleyacioly@yahoo.com)

## INTRODUÇÃO

A observação de crianças e do processo educativo no Centro de Educação infantil (CEI) Jardim Hercília, situado na região Leste de São Paulo, local onde trabalho, voltou minha atenção às experiências vivenciadas pelas crianças bem pequenas, de 1 a 2 anos, e a forma como demonstram sua preferência por brinquedos e brincadeiras ditos de meninas e de meninos.

O estímulo histórico e social que se dá ao desempenho das funções consideradas femininas, a saber, exercícios da maternidade, cuidado do lar e da família, funcionam como mantenedores da família patriarcal e, por consequência, do estabelecimento dos lugares sociais de mulheres e homens. Dessa forma, meninas são estimuladas desde a infância a envolver-se com brinquedos e utensílios domésticos, bem como bonecas para brincar de casinha. E, aos meninos, estimulam-se as funções consideradas masculinas, ou seja, vinculadas a ideia do homem provedor trabalhador que sustenta sua família. Para o exercício desse papel, desde pequenos meninos são incentivados a participar de brincadeiras relacionadas às profissões como carrinhos, bombeiro, polícia e ladrão.

Em uma breve retrospectiva histórica, notamos que durante o século XX e início do século XXI houve uma intensificação na busca pela igualdade de gênero, liderada por correntes feministas. O engajamento das mulheres na reivindicação da plena cidadania e a igual concorrência no mercado de trabalho foi fundamental para assegurar algumas conquistas femininas. Como exemplo, cito o direito ao voto, ocorrido no Brasil em 1932<sup>3</sup>. Até aquele momento, registros históricos mostram que os discursos contra o voto feminino, todos elaborados por homens, enfatizavam, segundo Melo da Silva (2010), “um caráter negativo na formação psicológica e

---

<sup>3</sup> O direito do voto feminino em âmbito nacional foi aprovado no Código Eleitoral de 1932, que, além dessa e de outras grandes conquistas, instituiu a Justiça Eleitoral, que passou a regulamentar as eleições no país. O artigo 2º do Código Eleitoral continha a seguinte redação: “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código”. A aprovação do Código de 1932 deu-se por meio do Decreto nº 21.076, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas.

biológica das mulheres”. Segundo Carrara (2009) o imperativo de justificar o não acesso pleno a cidadania, buscando no corpo as explicações para as diferenças, é um princípio político do Iluminismo para fundamentar as desigualdades consideradas naturais.

Scott (1995), uma renomada autora pós-estruturalista, descola-se de argumentos deterministas e esclarece que os papéis feminino e masculino na sociedade são socialmente construídos. A autora não nega a existência de diferenças entre os corpos sexuados. No entanto, centra sua atenção sobre as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, o sentido dado e, conseqüentemente, o posicionamento estabelecido dentro de relações hierárquicas.

Gênero é um elemento característico das relações sociais constituídas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, (Scott, 1995) e fornece meios de interpretar e compreender as complexas relações entre as variadas maneiras de interação humana. Portanto, de acordo com Scott (1995), gênero pode ser definido como a organização social da diferença sexual, ou seja, homens e mulheres são frutos da realidade social e não produtos da anatomia de seus corpos.

Nessa perspectiva, precisamos repensar a explicação das diferenças baseadas na biologia e na genética para ampliar a compreensão da identidade de gênero. Segundo Grossi (1998) a identidade de gênero está vinculada ao sentimento individual de ser menino ou menina, isto porque no decorrer do nosso processo histórico, desenvolvemos percepções de quem somos e a definição por ser homem ou mulher é parte de um processo cultural, uma vez que nascemos com um sexo biológico masculino ou feminino, mais adiante nos tornamos homens ou mulheres, conforme afirma Beauvoir (1980).

Valendo-se dos conceitos até aqui apresentados, esse artigo apresenta questões que permeiam a educação infantil, buscando compreender as concepções das famílias quanto à identidade de gênero e como se dão em suas vivências, orientações dos filhos e filhas. A partir das observações e intervenções almeja-se desconstruir concepções preconceituosas como “menino não pode brincar de casinha e usar vestidos nas brincadeiras simbólicas”, pois “pode se tornar homossexual”. A quebra desses paradigmas, acreditamos pode delinear novos caminhos relações igualitárias, a começar pelo ambiente escolar e familiar.

As crianças pequenas, de 1 a 2 anos, têm em seus núcleos de socialização (família, escola) as primeiras referências de papéis e relações sociais. Assim sendo, apresentam-se, inicialmente, como reprodutoras de comportamentos e cultura. Nesse sentido, é bastante frequente que reproduzam o que aprendem, como, por exemplo, padrões de estereótipos de gênero que “definem” o lugar do feminino e do masculino.

Observar os comportamentos trazidos e expressos pelas crianças no ambiente escolar será, portanto, essencial para a implementação de práticas pautadas no respeito à diversidade de gênero, representadas nas escolhas por brinquedos e brincadeiras feitas pelas crianças.

Os tempos e os espaços destinados às brincadeiras e as experiências vivenciadas pelas crianças na Unidade Escolar podem favorecer a valorização das diferenças de gênero (masculino e feminino) ou instigar a liberdade de escolha de brinquedos. Para tanto, é essencial que os espaços coletivos e as brincadeiras organizadas nesse contexto possibilitem a vivência de experiências significativas sem distinção de sexo, desprovidas de preconceito, nas quais as crianças possam fazer descobertas sobre si mesmas, sobre o outro e o mundo no qual estão inseridas, por meio de interações.

Para Mead apud Casagrande (2012, p. 5-6) o brincar consiste na essência do ato da criança, uma vez que:

O brincar tem um papel decisivo no comportamento da criança, sendo mais do que um estágio no desenvolvimento do self. O brincar é uma identificável atividade humana organizada que começa na infância, sendo necessária no transcorrer de toda a vida. Tem um papel fundamental na infância, que consiste na conexão entre as emoções, o estético e as atitudes em direção à sociedade. Ele permite que os símbolos se transformem em significado e comportamento. (DEEGAN, 2006)

Louro (1997, p. 59) afirma que se estivermos,

Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas.

Neste sentido, os professores e professoras precisam desenvolver um olhar atento para fazer observações e compreender as informações de gênero (masculino e feminino) que as crianças trazem desde casa e expressam nas suas brincadeiras, e assim organizar intencionalmente ações no cotidiano escolar para que a escola não seja um instrumento de reprodução de preconceitos, mas sim um espaço de promoção e valorização das diversidades.

Para Louro (1997, p. 66) a escola e as práticas pedagógicas desenvolvidas ensinam concepções cristalizadas, fazendo com que certas condutas e formas de comportamento, diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas tornando-se quase "naturais".

Os jogos de faz de conta, principal metodologia de trabalho na educação infantil, por sua vez, nos fazem ver a escola, em certa medida, como um espaço de transgressão. Quando meninas escolhem carrinhos e jogam futebol, e meninos brincam de bonecas, usam vestidos e adereços em suas ações representativas, rompem com os padrões sociais, quebram expectativas.

Além das performances, há também a necessidade de observar a linguagem utilizada nas salas de aula, bem como nos livros, pois ambas salientam que o universal masculino é a regra,

É impossível que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que "os alunos que acabarem a tarefa podem ir ao recreio", ela deve se sentir incluída, mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? (...), muitos comentariam, isso é "normal". (Louro (1997, p. 66)

Temos muitos desafios para que a sociedade contemporânea reconheça e valorize a diversidade de gênero e este artigo busca numa perspectiva investigativa e reflexiva compreender por que as meninas e os meninos escolhem os brinquedos e brincadeiras por classificação de gênero ou fazem transgressões, não escolhendo o que seria socialmente esperado.

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste artigo foi utilizada a metodologia qualitativa, por meio da pesquisa de campo. A pesquisa se realizou no Centro de Educação Infantil, localizado na Zona Leste de São Paulo, em um agrupamento de Berçário II, formado por nove crianças de 1 a 2 anos de idade e suas famílias, durante o segundo semestre de 2015.

As entrevistas com as famílias se constituíram como um mecanismo importante utilizado na metodologia do trabalho de pesquisa com intuito de conhecer as concepções das famílias sobre o processo de construção da identidade de gênero pela criança.

As reuniões ocorridas no CEI também foram utilizadas como instrumentos de pesquisa instigando discussões e reflexões sobre as concepções construídas a

respeito da identidade de gênero, relacionando-a com o contexto lúdico das brincadeiras na primeira infância.

Os “Dias da Família na escola”, que ocorrem a cada dois meses, com a participação de pais, mães e familiares junto com as crianças, foram ricas oportunidades para a vivência de situações lúdicas, revelando as marcas históricas transmitidas de geração em geração através de brinquedos e brincadeiras, influenciando a diferenciação dos sexos.

A observação das crianças na escola foi o foco deste trabalho investigativo, mediado pelo seguinte questionamento: Por que meninos e meninas escolhem brinquedos e brincadeiras diferentes, caracterizados na separação dos gêneros masculino e feminino, ou fazem transgressões?

Para tanto, fez-se necessário acompanhar o cotidiano educativo, observando as ações das crianças, das famílias e as intervenções feitas pelas educadoras e educadores, documentando as falas e experiências vivenciadas, tendo os jogos de faz de conta como principal metodologia na educação infantil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Conhecendo as concepções das famílias sobre gênero**

Na primeira etapa da pesquisa de campo fizemos entrevistas com as famílias com objetivo de conhecer as concepções que possuem sobre gênero, como se apresentam no cotidiano familiar e nas brincadeiras que vivenciam com seus filhos e, também, naquelas que observam ser promovidas no âmbito escolar.

Foi possível analisar, nos comentários feitos pelos pais, mães e responsáveis pelas crianças, que existe um grau de desconhecimento sobre o conceito de gênero. Percebemos, na visão dos pais e responsáveis que liberdade de escolha de brinquedos e brincadeiras poderia “ter um efeito contagioso”, revelado, em suas falas, pelo receio de seus filhos e filhas se tornarem homossexuais.

A fala de uma das mães, durante a reunião realizada na escola, explicita esse temor. Em suas palavras: “Não quero que meu filho use vestido nem de brincadeira! Muito menos cor de rosa, pois ele deve crescer sabendo que menino usa calça e

camiseta, de preferência azul.” Referindo-se às opções disponíveis às crianças na arara de roupas do Centro de Educação Infantil.

Ao apresentarmos às famílias presentes na reunião a seguinte pergunta: “As famílias organizam vivências e estimulam experiências onde as crianças possam brincar sem que haja a distinção entre brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas?”, uma mãe respondeu: “Não gostaria de chegar “na” escola e ver meu filho brincando de boneca, ele precisa aprender que menino brinca de carrinho”.

Outra mãe disse: “Eu não tenho preconceito, mas não quero ver meu filho brincando de casinha como uma menina”.

As famílias revelaram também que definem os brinquedos que compram baseadas na definição de sexo. Aquelas que possuem meninos escolhem brinquedos como quebra-cabeça, jogos de construção e uma variedade de carrinhos (bombeiro, polícia, corrida), enquanto que as famílias que têm meninas disponibilizam bonecas e variados utensílios relacionados ao contexto doméstico. Dessa forma, percebemos que as famílias reproduzem a visão patriarcal e reforçam a divisão de papéis e expectativas sociais para meninos e meninas.

Notamos, nas nove famílias pesquisadas, a convicção de que não se deveria incentivar, no espaço escolar, a liberdade de escolha e criação de brincadeiras, exploração de brinquedos diversificados e vivência de papéis sociais distintos como, na prática, é realizado por professores e professoras nas atividades lúdicas. Esse posicionamento evidencia medos e preconceitos acerca do processo de construção da identidade de gênero (masculino e feminino).

### **Revelando marcas históricas**

Na segunda etapa da pesquisa de campo, observamos os “Dias da Família na Escola”. Realizados em dois momentos no segundo semestre, com intervalo de dois meses em cada encontro, o evento promoveu a participação em situações lúdicas. Nesses encontros, as nove famílias tiveram a oportunidade de compartilhar suas brincadeiras de infância.

No desenrolar das dinâmicas percebemos distinções entre os jogos e brincadeiras vivenciadas por pais e mães. Os pais apresentaram brincadeiras como construção de brinquedos, carrinhos, pipas e estilingue, futebol, carrinho de rolimã e pega-pega, mais relacionados ao universo considerado culturalmente masculino.

As mães representaram confecção de bonecas de pano, roupinhas de tecido e bonecos de legumes para brincar de casinha. Além de também demonstrarem gostar de brincar de cabelereiro, destacando uma tendência de suas famílias de origem a incentivar o cuidado com a casa e com o corpo.

Na etapa da construção de brinquedos com seus filhos e filhas, com a utilização de materiais não estruturados, observamos que, enquanto todos os pais construíram carrinhos de diferentes formatos com seus filhos, as mães e suas filhas confeccionaram bonecas e fantoches com garrafas e roupas com retalhos de tecidos. Pudemos assim notar que a diferenciação dos sexos aprendida pelos pais e mães em sua infância é transmitida, por meio de brinquedos e brincadeiras, a seus filhos e filhas.

### **A aprendizagem de gênero na escola e na família**

Na terceira etapa da pesquisa de campo, investigamos as “reuniões de pais e responsáveis”. Nos encontros promovemos discussões e reflexões sobre as concepções de gênero. A partir dos conceitos apresentados e destacando as brincadeiras que as crianças têm preferência, buscamos discutir e romper com o paradigma biologizante que limita a ação e escolha das crianças por diferentes brinquedos e brincadeiras.

Os comentários das famílias indicam que seus atos e escolhas são baseados em uma norma cultural, influenciada também pela mídia, sobre a existência de brinquedos apropriados para meninas e outros para meninos, salientando a preocupação que possuem com a futura escolha sexual das crianças, fazendo-se necessário compartilhar a relevância da quebra desse paradigma.

Nesse sentido, fica claro a importância da compreensão das famílias e dos professores e professoras sobre gênero e liberdade de escolha para, então, poderem atuar de maneira isenta e livre de preconceitos no processo de desenvolvimento e aprendizagem de papéis de gênero pelas crianças.

Segundo Louro (1998) e Felipe (1999), a preocupação do adulto em relação à orientação sexual da criança assinala a necessidade de manter a “sexualidade normalizante”, isto porque existe uma vigilância praticada desde os primeiros anos de vida pela família e pela escola, para que se possa garantir a manutenção de uma masculinidade considerada hegemônica.

De acordo com Felipe (2000, p. 123) "Qualquer possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta para uma classificação no campo da patologia, da anormalidade".

Os pais e mães necessitam de esclarecimentos para refletirem sobre suas inquietações, ampliando seus conhecimentos sobre o processo de construção da identidade de gênero. Neste sentido, nas duas reuniões realizadas buscamos esclarecer que precisamos educar meninos e meninas de modo a respeitar suas escolhas de brinquedos e brincadeiras, estimulando gostos e aptidões sem restringi-los a maneiras radicalmente distintas.

Ao constatar que meninas e meninos ao serem estimulados na escola a fazerem suas próprias escolhas e expressarem suas vontades, "transgridem" o que é pré-determinado culturalmente, e mantido pelas famílias, como correto para cada sexo, o centro de educação infantil revela-se como um espaço propício para promoção e valorização das diversidades. Por outro lado, se não houver aproximação com as famílias e o desenvolvimento de trabalho com pais e mães, pode haver conflitos com as famílias durante o processo pedagógico.

Os profissionais de educação infantil têm um grande desafio em suas mãos para qualificar ainda mais sua prática educativa, construindo uma parceria com as famílias em prol de um processo de aprendizagem pautado no respeito à diversidade e na construção da identidade de gênero que não limite meninas e meninos às normas e ditames que define preferências e atuação social.

Para tanto, faz-se necessário que a escola e os professores e professoras invistam nos estudos, na troca de experiências e esclarecimento de dúvidas, possibilitando aos pais e mães, bem como aos alunos e alunas a compreensão de que a identidade de gênero é uma construção social, distinta do sexo biológico, e que sexo biológico não deveria limitar experiências. Cabe à escola exercer o papel de promotora da cultura do respeito e da valorização da diversidade para que meninos e meninas possam vivenciar suas escolhas com plenitude, sem preconceitos, em ambientes familiares e escolares.

Neste sentido, meninos devem ser incentivados a expressarem seus sentimentos e cuidar da casa, por exemplo, enquanto que meninas podem ser estimuladas a gostar de carros e ser destemida, bem como ter uma carreira e não sentir-se limitada ao papel de cuidadora.

É no ambiente escolar que crianças e jovens podem se dar conta de que somos todos diferentes e que é a diferença, e não o temor ou a indiferença, que deve atizar a nossa curiosidade. E mais: é na escola que crianças e jovens podem ser, juntamente com os professores e as professoras, promotores e promotoras da transformação do Brasil em um país respeitoso, orgulhoso e disseminador da sua diversidade”. (Gênero e Diversidade na Escola Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais –versão 2009,p.31)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa com as famílias revelou que, ainda que os adultos indiquem sua expectativa acerca do comportamento a ser apresentado por meninas e meninos, as escolhas das crianças revelaram suas preferências e curiosidades de acordo com aquilo que lhes despertava prazer, evidenciando que não há fronteiras nas brincadeiras e na exploração dos brinquedos. Demonstram que as categorizações criadas pelos adultos, em um primeiro momento, não têm nenhum significado para as crianças nos seus momentos lúdicos. A insistência na normatização do comportamento, por outro lado, pode limitar o potencial criativo infantil.

Através da observação das brincadeiras no Centro de Educação Infantil pesquisado é possível concluir que as relações entre meninos e meninas ocorrem de forma não hierárquica, demonstrando respeito entre os gêneros, uma vez que meninos brincam de cozinha, panelas, passar roupa, e meninas brincam de carrinhos e jogam futebol, por exemplo.

É de suma importância que meninos e meninas possam expressar seus sentimentos, emoções, atitudes e preferências, sem nenhuma restrição, bem como que meninos tenham a oportunidade de se fantasiar, assumindo papéis de cuidar do outro, limpar e organizar o espaço coletivo em contraposição à ideia machista ainda muito presente na sociedade contemporânea.

Portanto, a discussão sobre as relações de gênero está apenas no início e é imprescindível que a escola proporcione ações de promoção e valorização da diversidade, desde as primeiras relações no ambiente coletivo da educação infantil, estabelecendo parceria com as famílias, mediando reflexões e instigando mudanças de paradigmas que são o alicerce para a concretização de uma sociedade mais justa e democrática.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a equipe gestora, aos profissionais e as famílias que compõe a comunidade do Centro de Educação Infantil pesquisado, pois sem a autorização e a colaboração não seria possível realizar esta pesquisa de campo, valorizando a diversidade humana e a importância do respeito ao processo de escolha da criança que influencia na construção de sua identidade de gênero.

## REFERÊNCIAS

ANA, Rogerio Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01 – 13 Sem II. 2008.

BRASIL. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil**. São Paulo: SME/ DOT, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de Conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC. 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

CASAGRANDE, Cledes Antônio. **A educação e o processo de individuação na perspectiva do interacionismo simbólico de g. H. Mead**. PUCRS/UNILASALLE. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/218/854> acesso em 22/11/2015

CARLOTO, CÁSSIA MARIA. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Páreo, (7), nov.98/ jan.99, p. 56-58.

\_\_\_\_\_. **Infância, Gênero e Sexualidade.** Educação e Realidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, (1), p. 54-87, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade.** Antropologia em 1ª mão, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MELO DA SILVA, Marcelo. A mulher e a primeira constituinte republicana in: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4C.483.pdf>

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os Novos Mapas Culturais e o Lugar do Currículo numa Paisagem Pós-moderna. IN: **Territórios Contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.